

Empresários prevêem modificações nas regras do mercado financeiro

Os principais empresários do mercado financeiro estão na expectativa com relação ao Governo Tancredo Neves. Eles entendem que serão inevitáveis alterações profundas no mercado. Caixa de ressonância, os negócios do mercado aberto responsáveis pelo giro de uma dívida pública interna de Cr\$ 100 trilhões, dos quais Cr\$ 35 trilhões estão no mercado, com vencimento de 58 por cento no próximo ano — dependem muito dos novos rumos do Governo. Primeiro Presidente do Banco Central no Governo Figueiredo, autor de projeto de reforma bancária que ficou esquecido, o Presidente da Associação Nacional das Instituições do Mercado Aberto (Andima), Carlos Brandão, considera que o Governo Tancredo Neves deve retomar os estudos feitos no início do atual Governo, com ampla discussão sobre a reforma dos orçamentos públicos, submetendo as leis sobre o assunto ao Congresso.

Ele não crê na adoção da desindexação ou na desdolarização, argumentando que "o Governo precisa da poupança interna para o crescimento auto-sustentado da economia na fase de retomada e a correção monetária precisa retratar o poder aquisitivo da moeda".

Brandão considera indispensável que o Governo Tancredo Neves recupere os instrumentos de política monetária e de controle dos orçamentos públicos, lembrando que o recolhimento compulsório e o redesconto já não funcionam e as operações de mercado aberto estão limitadas pelo impacto dos juros na economia como um todo.

Para corrigir as distorções ele defende o controle eficiente do setor público e a liberação dos depósitos compulsórios, hoje utilizados para cobrir déficits públicos, para fomentar o desenvolvimento de setores produtivos prioritários.

Para o Presidente da Associação Nacional dos Bancos de Investimento (Anbid), Ronaldo Cezar Coelho, é preciso repensar o funcionamento de todo o sistema financeiro, especialmente na questão da especialidade das instituições. Ele defende



“A dívida interna vai ser rolada normalmente, dependendo da confiabilidade do Governo. Ninguém está pedindo para resgatar a dívida”

CARLOS BRANDÃO, Presidente da Associação Nacional das Instituições do Mercado Aberto (Andima) e Diretor do Banco Econômico S.A.

um sistema de acesso e promoção para as empresas mais eficientes e uma participação mais intensa das instituições financeiras no esforço de capitalização das empresas privadas nacionais.

O Vice-Presidente da Federação Nacional dos Bancos, Theóphilo de Azeredo Santos, também crê em profundas mudanças no sistema financeiro no Governo Tancredo Neves, a começar pela reordenação das finanças públicas; a tentativa de redução dos juros através de mecanismos de mercado; o estímulo ao mercado acionário; a redução do acesso das empresas estatais ao crédito em benefício das empresas privadas; e pelo direcionamento do crédito para setores prioritários, como a alimentação, com a eventual utilização de crédito subsidiado a setores mais necessitados.

Germano de Brito Lyra, Presidente da Associação de Dirigente das Empresas de Crédito, Investimento e Financiamento (Adecif), não acredita que as financeiras serão utilizadas para relançar o consumo e fortalecer o mercado interno como no passado, por que, "enquanto não baixar a inflação, o comportamento coletivo da sociedade será fugir do endividamento".